

Alguns apontamentos clínicos (e críticos) ao “Existir num mundo que não quer nada”

Hélia Borges*

En choisissant d’aborder l’étude de la nature humaine par la question du développement, qui permet le recentrage des différents points de vue, j’espère pouvoir rendre clairement la façon dont, à partir d’une fusion primaire entre l’individu et l’environnement, quelque chose fuse, l’individu mettant en jeu ce qu’il veut et devenant capable d’exister dans un monde qui ne veut rien.¹

A palavra iniciativa, que tentamos arear para que permita designar adequadamente o que advém quando um “indivíduo” que vive fora da identidade consciente, em razão da vacância da linguagem, age, portanto, no infinitivo.²

Resumo: Este artigo se debruça sobre contribuições de Winnicott à clínica psicanalítica em ressonância com observações traçadas por Deliny, como na ideia do *agir*. Winnicott instaura uma distância crítica ao modelo psicanalítico clássico, restituindo ao pensamento sua dimensão problemática e aproximando-se, portanto, de clínicos, pesquisadores e filósofos atuais que se posicionam na contramão da condição, cada vez mais violenta, das práticas de assujeitamento. A proposição é interrogar a prática clínica no que se refere à oferta de um ambiente favorável, um *topos*, capaz de ativar o que está em potência, possibilitando o pensar de outro modo, o perceber de outro modo, indissociáveis de um processo permanente de criação.

Palavras-chave: Winnicott, Deliny, agir, clínica, *topos*.

Some clinical (and critical) notes to "Existing in a world that wants nothing"

Abstract: This article focuses on Winnicott's contributions to the psychoanalytic clinic in resonance with Deliny's observations, as in the idea of *acting*. Winnicott establishes a critical distance from the classical psychoanalytic model, restoring to thought its problematic dimension and approaching, therefore, current clinicians, researchers and philosophers who stand against the increasingly violent condition of the practices of subjugation. The proposition is to interrogate the clinical practice regarding the provision of a favorable environment, a *topos*, capable of activating what is in potential, making it possible to think otherwise, to perceive otherwise, inseparably from a permanent process of creation.

Keywords: Winnicott, Deliny, acting, clinic, *topos*.

* Psicanalista. Professora da Graduação e da Pós-graduação da Faculdade de Dança Angel Vianna. Rio de Janeiro-RJ. Contato: borges.helia@gmail.com

¹ WINNICOTT, D., 1990/1954, p. 24: “Escolhendo abordar o estudo da natureza humana através do desenvolvimento, que permite a reorientação de diferentes pontos de vista, espero deixar claro o modo como, a partir da fusão entre indivíduo e meio ambiente, algo se expande, o indivíduo fazendo valer seus direitos em um mundo que não quer nada” (tradução livre da autora, grifo meu).

² DELINY, F., 2015, p. 137.

O Homem é um animal racional. A máxima, repetida ao infinito, constituiu-se a partir de Aristóteles, que considerava o homem como um animal político, que, diferentemente de todos os animais, é dotado de razão e discurso. A definição aristotélica propõe a distância do homem face ao animal, que na busca de alicerçar essa distância afasta de si o mundo opaco e mudo da animalidade.

O cogito cartesiano substancializando a tradição platônica também se constitui no enaltecimento do campo das ideias, reforçando que o corpo nada sabe. Conhecemos o mundo pelo pensamento: penso, logo existo. Desse modo, o sujeito moderno, atravessado pela tradição de um pensamento dissociado de corpo – as animalidades –, deixa de habitar, na imersividade, a vida.

Deleuze rompeu com a visão aristotélica do homem, pois com suas construções filosóficas o pensou a partir de lugares de indeterminação e de indiscernibilidade entre o homem e o animal em um mundo que existe por si: um anti-humanismo contra a tradição aristotélico-platônica. Deleuze e Guattari (1992) revelam-nos um horizonte de possíveis, ao convocarem a chance de captar as forças intensivas da vida em suas expressões não humanas que se projetam no cosmos, na vida inorgânica. Os seres são constituídos de multidão, pré-individuais e singulares, sendo, portanto, capazes de captar a multidão de universos que constitui toda a forma implicada no indivíduo ou no sujeito.

Uma vida, em contraste com *a* vida: coloca em cena o indefinido em oposição ao definido – definido este que se estabelece a partir do processo de categorização do pensamento ocidental moderno. Ao dizer *uma* vida, emerge a vida imanente e a liberta das amarras subjetivas de uma vida independente das vivências pessoais, desenraizando-a das referências humanas.

Sem dúvida, o olhar winnicottiano sobre o sofrimento humano foi profundamente marcado pelas experiências que o autor presenciou e viveu na sua época. A Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, com a destruição desencadeada, a violência e o abandono, ressaltaram para ele a redução que se faz ao olhar a vida a partir de uma perspectiva que exclui o humano de outros modos de existência, gerando modelos redutores para apreender as manifestações dos existentes. Estar em contato com o limite, com a exaustão dos recursos, imposto pelo cenário da Segunda Guerra,

propiciou, muito provavelmente, que pudesse vislumbrar, na constituição do psiquismo, o campo imanente da vida.

Esse autor nos aproxima, a partir de seu livro *A natureza humana*, da crítica que faz Deleuze, ao trabalhar com a inseparabilidade entre homem e natureza, trazendo de volta para a experiência da vida a inseparabilidade entre cultura e natureza, que se manifesta nos corpos em sua receptividade ao mundo.

[...] não existe também distinção homem-natureza: a essência humana da natureza e a essência natural do homem identificam-se na natureza [...]. Não o homem enquanto rei da criação, mas aquele que é tocado pela vida profunda de todas as formas ou de todos os gêneros, que é carregado de estrelas e mesmo de animais [...]. Homem e natureza não são como dois termos [...], mas uma só e mesma realidade.³

Rompendo com a lógica cientificista, que transforma a condição trágica da existência em argumentações de seriedade, Winnicott restaura o trágico ao refletir sobre os paradoxos na constituição do sujeito e ao evidenciar as torções que sofre o pensamento do homem moderno na alienação pela primazia da racionalidade. Evidencia também aqui sua recusa aos dogmas nos quais, por tantas vezes, a própria psicanálise se vê envolvida.

Indo além de certo modo de fazer psicanálise, centrado na interioridade, no significado, na representação que caracteriza o pensamento psicanalítico clássico, Winnicott, por seus novos aportes ao fazer clínico, produziu, na maior parte dos psicanalistas de sua época, um modo enviesado de ver suas contribuições: por um lado, o respeito por seus importantes desdobramentos na clínica; mas por outro, um discreto desprezo, ao qual ele não era indiferente. Segundo Lehmann (2003), Winnicott teria comentado com Joan Rivière que desejava escrever um livro sobre o ambiente, ao que esta teria replicado que, se ele fizesse isso, iria transformá-lo em uma rã.

[...] *les premiers kleinians se sentaient extrêmement menacer par ceux dont il craignait qui détourne l'attention loin du monde interne.* "Pendant mon analyse, à raconter Winnicott à un ami, j'ai informé J. Rivière de mon projet: 'suis presque prêt à écrire un livre sur l'environnement'. Elle m'a dit: 'écrivez un livre sur l'environnement et je vous change en grenouille.' Bien sûr, comprenez-vous, elle n'a pas employé ces mots mais c'est l'impression qui elle m'a fait" (LEHMANN, 2003, p. 18-19).⁴

³ DELUZE e GUATTARI, 1976, p. 18-19.

⁴ LEHMANN, J. P., 2009, p. 19: “Os primeiros kleinianos se sentiam extremamente ameaçados por aqueles que acreditavam desviar a atenção para longe do mundo interno. ‘Durante minha análise’, contou Winnicott a um amigo, ‘informei a J. Rivière sobre meu projeto: eu estava próximo de escrever um livro sobre o meio ambiente. Ela me disse: Escreva um livro sobre o meio-ambiente e eu poderei transformá-lo em uma rã!’ Certamente [continua Winnicott], você compreende que ela não empregou essas palavras, mas foi essa impressão que ela me deu” (tradução livre da autora).

Em parte, podemos entender, a partir daí, o preconceito que se estabelecia ao seu trabalho. Mesmo nos dias de hoje, com toda a construção teórica e clínica pautada na retomada de seus textos para recuperar determinados conceitos fundamentais para a clínica contemporânea nos meios psicanalíticos, existem resistências ao seu pensamento, desqualificações e não entendimentos – por exemplo, num extremo, afirmativas de que seu trabalho não é evidentemente psicanalítico.

No entanto, quanto mais somos atravessados pelos acontecimentos do mundo atual, mais nos aproximamos de suas provocações clínicas e de seus conceitos inovadores para uma psicanálise que estava restrita ao campo do que se chamou *neurose*, campo este que tem tido como destino seu próprio esgotamento.

Embora em Winnicott se descortine uma clínica voltada para o que nomeia de pacientes regredidos, *border* e até psicóticos, em detrimento da psicose ou neurose – as quais postulavam serem requeridas ao trabalho da psicanálise clássica –, trazemos para este texto algumas questões que dizem respeito ao esvaziamento de um pensamento que se compõe a partir das classificações usuais, senso comum, que entendem a dinâmica das subjetividades ancoradas em modos de ser que excluem múltiplas dimensões da existência.

Longe dos diagnósticos, talvez possamos nos acercar do sofrimento que, sem nome ou identidade, possibilite-nos a aproximação de um campo de produção, campo de produção da vida. Winnicott se deixou afetar por esse campo tomado pelas forças ambientais, que, por sua capacidade estética, sensível, foi capaz de uma nova perspectiva, ao vislumbrar o sofrimento como uma expressão do estancamento da expansão na existência, da capacidade de autonomia. Tal conquista, para o autor, permitiria lidar com a realidade diante das dificuldades do existir, mesmo em um ambiente hostil.

Winnicott tem, em seus textos, uma preocupação recorrente em não alienar da prática da clínica psicanalítica as conquistas feitas por Freud, reservando um lugar para tal nas neuroses. Propõe, portanto, suas contribuições originais como algo além do que já havia sido ou estava sendo feito na clínica, no sentido de estas não se colocarem em contraposição à perspectiva clássica, mas como complementaridade à clínica de pacientes difíceis regredidos, esquizoides, que deveriam atentar para as ocorrências da construção primária do desenvolvimento.

Esta preocupação nos traz o cuidado winnicottiano de não produzir uma verdade universal para a prática, compondo com muitos modos o fazer uma clínica. Nada mais próximo das proposições freudianas. Freud, em seus artigos sobre técnica, ressalta o fato de que não existiria uma técnica definida *a priori*, universalizante. A prática se define prioritariamente sobre o trabalho de análise individual do analista, mesmo considerando a teoria e as supervisões no treinamento e formação (Cf. FREUD, 1976).

Winnicott entende o desenvolvimento a partir de um processo que caminha desde a *não integração* até a *realização*, contemplando a ideia de evolução no desenvolvimento. Ou seja, embora tenha colocado em foco o importantíssimo fato de que o conhecer se desencadeia a partir da experiência sensório-motora, campo do ainda não representado, fora da linguagem simbolizada, propõe como culminância do desenvolvimento a aquisição do pensamento racionalizado, abstrato, contemplado pelo campo simbólico.

Mais do que conceber um sujeito racional na sua superioridade – característica do projeto de humanização na sociedade desde a modernidade (para ficarmos somente por aqui) –, esse psicanalista marca a importância de que o desenvolvimento possa agregar as experiências anteriores na aquisição do pensamento abstrato, que permitiria lidar com a realidade de modo a encontrar formas criativas de estar na vida.

Nesses termos é que Winnicott pode fazer a diferença fundamental entre os estados *não integrados* – característicos dos processos de criação, pelos fenômenos de *ilusão*, por exemplo, da criação artística, ou ainda do que conceitua como *objetos subjetivamente concebidos* – e os estados *desintegrados*, que seriam, estes sim, resultantes de um estancamento dos processos de extensão peculiares do *continuar a existir no tempo*.

Para Winnicott, agregar as experimentações do existir de modo a agir no tempo sustentado em si mesmo seria uma aquisição necessária para que a patologia não encontrasse a morada – ou seja, no entendimento de que a patologia estaria ligada à impossibilidade de lidar com a realidade por não encontrar novos caminhos para afirmação de si. É importante ressaltar que esta via trilhada por Winnicott, que faz parte do processo de maturação, é um caminho que sustenta a possibilidade de um pensamento crítico, na aquisição de novos modos de pensar. Um estado de *saúde* se instaura, a partir de então, na capacidade de sair de um sujeito assujeitado para – em contato com a virtualidade, dos possíveis – compor-se em caminhos inaugurais.

Desse modo, é possível reverter certo olhar que percebe autonomia como referida somente à aquisição da capacidade de simbolização ou da capacidade de abstração. Contempla que a conquista em vislumbrar novos modos de existência só se torna possível pela chance de ativar as experiências constituintes do desenvolvimento, desde as aquisições sensório-motoras até a capacidade de pensar criativamente, que, alicerçada na *personalização* e na ativação dos planos de consistência, desencadeia ações singulares.

Suas construções conceituais influenciaram Daniel Stern, psicanalista que também trabalhava a partir das teorias de relação de objeto. Esse clínico percebe o desenvolvimento não baseado no ultrapassamento de fases – como na compreensão senso comum do desenvolvimento –, mas pela aquisição de estados, afetos, sentidos que, justapostos, seriam como experiências que favoreceriam a comunicação com o ambiente.

Para Stern, o desenvolvimento se dá via possibilidades de agenciamento com a multiplicidade de signos apreendidos ao longo da existência nas construções sensíveis que constituem a vida. Propõe como um dos temas de suas pesquisas os afetos de vitalidade, fazendo uma ponte entre o saber implícito (conhecimento tácito) e o saber explícito, em que um se refere ao verbalizável, ao simbolizável, e o outro, implícito, diz-se do que não se comunica externamente pelas palavras, sendo pré-verbal.

Os afetos de vitalidade não se localizam em uma experiência pessoal; são uma experiência genérica do sentimento da vida em ação. Cada movimento vivido é acompanhado de uma explosão de determinantes, incidentes motivados pelas ocorrências. Tais afetos, portanto, não são e não estão no sujeito, estão dentro e fora do mundo, estão dentro e fora dos acontecimentos; e as contingências incidem sobre eles, nas surpresas e acontecimentos *no continuar a existir no tempo*, que proporcionam a experiência de intensidade do viver.

Fugindo da categorização, cada encontro produz um acontecimento, e esse acontecimento é uma variação no tempo e irá se inscrever nas lógicas dos afetos de vitalidade, que são os gradientes vividos na estesia com o mundo. Profusamente experienciados pelo bebê em seus contatos iniciais, os afetos de vitalidade compreendem o mundo dos contágios e se tornam a via primária, não primitiva, mas basal de encontro com o outro.

[...] na mais pequena infância inscrevem-se no corpo múltiplos estímulos exteriores sutis (um som, uma cor, uma brisa, uma mudança de temperatura) em órgãos internos, de tal forma que um afecto de órgão (um prazer, uma dor) passam a valer como signo. Signos não linguísticos, mas em que vai progressivamente assentar toda a futura construção da linguagem [...]. Compreende-se assim que o corpo e, sobretudo seu interior, se torne um reservatório extraordinário de signos e de linguagens diversas – linguagens de sons, de cores, do toque e do contato, linguagem pré-verbal mais estritamente ligada ao verbo, linguagem inconsciente do corpo e linguagem consciente da linguagem - pois tal palavra ou expressão está ligada ao signo-afeto arcaico inscrito em tal órgão, tal movimento orgânico. [...] são meios de comunicação cheios de sentido para o recém-nascido. As vibrações do mundo gravam-se sutilmente nos seus órgãos. Por isso o bebê é um ser cósmico.⁵

Um ser cósmico por interagir na imanência, nos atravessamentos vividos nas afecções com o mundo. Winnicott chama a atenção para esta comunicação, através da comunicação sutil da *diade mãe-bebê*, instaurada pela *mutualidade*; em que não são apenas os cuidados mais evidentes que serão alvo de atenção, mas aspectos discretos da comunicação sutil que apontam as necessidades específicas de um ser emergente. Assim, pelas conexões empáticas, pelas conexões estéticas, vividas no encontro, seria possível acessar os modos de existência em seus ritmos, via pequenas percepções (cf. GIL, 2005) nas modulações, gradientes característicos. Nesse caminho de apreensão, signos são marcados no corpo, produzindo ligaduras de sentido.

É o filósofo José Gil (2016), comentando Bernardo Soares, quem nos apresenta um trecho de sua poesia para nos revelar como nos apropriamos dos sentidos de uma palavra a partir da experiência registrada em nossos corpos. Gil, ao nos falar sobre a concretude na literalidade da poesia, remete-nos ao livro *Desassossego*, em que o poeta concretiza a visão do seu pensamento numa extraordinária espiral, revelando *o como das coisas*. A escrita poética abre para a real apreensão do objeto, pois pôde ser – na anterioridade de sua existência – *subjetivamente concebido*. Este é um bom exemplo do que Winnicott nos queria dizer sobre a *ilusão* e da construção da realidade via *objetos subjetivamente concebidos e objetivamente percebidos*.

[...] a maioria da gente enferma de não saber dizer o que vê e o que pensa. Dizem que não há nada mais difícil do que definir em palavras uma espiral: é preciso dizer, fazer no ar, com a mão sem literatura, ascendentemente enrolado em ordem, como que aquela figura abstrata das molas ou de certas escadas que se manifestam aos olhos. Mas, desde que nos lembramos que dizer é renovar, definiremos sem dificuldade uma espiral: é um círculo que sobe sem nunca conseguir acabar-se. A maioria da gente, sei bem, não ousaria definir assim, porque supõe que definir é dizer o que os outros querem que se diga, que não é o que é preciso dizer para definir. Direi melhor: uma espiral é um círculo virtual que se desdobra a subir sem nunca se realizar. Mas não, a definição ainda é abstrata. Buscarei o concreto, e tudo será visto: uma espiral é uma cobra sem cobra

⁵ GIL, J., 2016, p. 26-27.

enroscada verticalmente em coisa alguma. Toda literatura consiste num esforço para tornar a vida real.⁶

Tem Bernardo Soares muito a dizer sobre o que fica alienado pelo pensamento reflexivo, e este tem sido a referência para a teorização do que se coloca, evidentemente, em contraste a esta redução, qual seja, pensar a subjetividade humana e seus impasses. Ignorar que, ao lidar com os processos subjetivos, estamos nos ocupando de algo que não pode ser mensurável, não pode ser apreendido em conceitos universalizantes e, muito menos, em classificações e categorias.

A arte como detonadora de possíveis, lugar de favorecimento de gêneses, torna-se clínica e crítica ao derreter as linhas de contorno e constrangimento dos corpos, ativando sensorialidades. Esta perspectiva nos permite sair da redução normalizadora, senso comum que regula as práticas terapêuticas. Atravessando a rede perceptiva que se abate sobre as subjetividades, amplia-se seu campo, pondo à mostra o que fica oculto pelas práticas reducionistas do pensamento reflexivo.

O conhecimento tácito, implícito, dá-se na experiência, na imersividade na natureza, na diversidade como expressão do campo imanente que é a vida, lugar onde podemos ter acesso à variação da vida que se estabelece no contato a cada momento com o outro, essa variação qualitativa que se perde quando o nomeamos – pelo processo hegemônico – um acontecimento. Portanto, retirar o nome do acontecimento: apontar o reparável, como nos diz Deliny, é “o que permite o agir da iniciativa”.⁷

Encontramos ressonância com Deliny nas formulações winnicottianas que se ocupam de resgatar para a clínica o *mais-que-humano*, uma humanidade restaurada pela imersividade que se constrói no encontro entre paciente e analista. Winnicott, em seu artigo “Doentes mentais na prática clínica” (1983a/1963), desconstrói a marca identitária “doença mental” no processo classificatório comumente usual, ao propor que o termo “doença” necessita ser reexaminado, e nos diz:

Permitam-me empregar a definição de meu finado amigo John Rickman: “Doença mental consiste em não ser capaz de encontrar alguém que possa aturá-lo.” Dito de outro modo, há uma contribuição da sociedade ao significado da palavra “doente” e por certo é extremamente difícil conviver com alguns neuróticos.⁸

⁶ Ibidem, p. 22.

⁷ DELYNI, F., 2015, p. 141.

⁸ WINNICOTT, D., 1983a/1963, p.197.

Embora, nesse artigo, Winnicott faça uma diferença entre a neurose e a psicose, o faz localizando na maturação integrativa do aparelho psíquico, que, no neurótico, sustenta sua diferença. Ao mesmo tempo, no entanto, o fator ambiente será entendido por esse clínico como aquele que é responsável tanto pelos fracassos de aquisição de um sujeito que atinge a maturação esperada, quanto pelo fechamento às possibilidades de convivência com os diferentes modos de existência.

Cabe ressaltar, ainda, que Winnicott questiona o estatuto da loucura, apontando que o problema está na receptividade ao outro, às diferenças e dificuldades expressas como o inédito de cada qual, de modo que podemos associar questões muito atuais sobre os processos de abandono e exclusão que sofrem aqueles que se manifestam em sua diferença, pela hostilidade do próprio meio.

Também nesse sentido do não identitário, na sustentação de uma não semelhança, Deliny trabalhou e conviveu com autistas, crianças autistas, e optou por construir, a partir de sua própria iniciativa, um espaço de experimentações que viabilizasse o acolhimento a este modo de existência anônimo, insubmisso à domesticação simbólica.

Deliny, em seu livro *O Aracniano*, ao tratar do Humano e do Sobrenatural, faz-nos avançar mais na ideia do indefinido que contempla a possibilidade de pensar para além do humano, desse *homenzinho* que se tornou o humano. Em suas observações com autistas, ele foi capaz de testemunhar, nos gestos repetitivos, a semelhança com os movimentos das antigas religiões tibetanas. Nos movimentos dos rituais religiosos e das danças orientais, segundo ele, encontramos o movimento circular e balanceio semelhante às experiências que são registradas nos autistas, na psicose.

Não estaria aí a experiência marcando a possibilidade de – ao se desocupar da consciência como vetor perceptivo – ser afetada por forças que se espalham em nossa rede rizomática de comunicação, um estado de existir que não está fechado na interioridade, mas que se apropria dos encontros inusitados que se fazem no mundo? Para Deliny, esse balanceio seria “a consciência de ser [que] estando um tanto abolida não exerce o controle [...], pois foi agitada pelo vento do espírito”.⁹

⁹ DELINY, F., 2015, p. 173-174.

No avesso do fazer, o agir. O “inato é um agir sem intenção, sem finalidade”;¹⁰ o agir, na contramão do que se coloca como o *culto do fazer* – “fazer uma obra, fazer sentido, fazer uma comunicação”.¹¹ O fazer deriva de um lugar que se define pela anterioridade, fora do espontâneo, na representação e intencionalidade.

Fazer um gesto é diferente do agir do movimento. O agir é sem intenção, é desinteressado. Um não querer, avesso à vontade. A contrapelo da arte como comunicação, em Deliny a arte de traçar – que exercia com seus autistas – se expressa como agir e não como fazer, como uma não comunicação.

Nessa perspectiva, podemos pensar que, além da questão da comunicação, a experiência de não integração proposta por Winnicott, assim como o do eu emergente de Stern, contempla a característica de um agir, na medida em que o que se dá neste momento inaugural de relação com o ambiente não seria propriamente uma comunicação sustentada no pensamento simbólico, na consciência por se colocar fora da linguagem, campo a-semiótico nos apontando o mundo dos processos e não das formas acabadas. Não um pensar reflexivo do fazer, mas o agir a partir do corpo vivido. Implicando a natureza como o estado pré-lógico, pré-linguístico, marcando a obscura margem entre animalidade e humanidade, aproximando-se das problematizações trazidas por Deliny.

Winnicott, no artigo “Comunicação e não-comunicação levando ao estudo de certos opostos” (1983b/1963), logo no início comenta:

Quando preparava este estudo para uma sociedade estrangeira, tendo iniciado sem ponto fixo inicial nenhum, logo cheguei, para surpresa minha, à reivindicação do direito de não me comunicar. Isto foi um protesto do meu íntimo contra a assustadora fantasia de ser infinitamente explorado. Em outras palavras, esta seria a fantasia de ser devorado, engolido. Na linguagem deste estudo é a fantasia de *ser descoberto*.¹²

Buscando elaborar suas ideias em torno desses opostos, conduz-nos de saída para o lugar em que localiza, a partir de seu desejo em não comunicar, a violência que se estabelece nas relações de poder, onde o fazer substitui um agir. Ressalta em seu texto que a grande alegria da criança que brinca no aparecer e desaparecer – pela experimentação em se sentir real – é não ser descoberto, mas *ser encontrado*, sublinhando a importância da relação, mesmo naquilo que não pode ser comunicado.

¹⁰ Ibidem, p. 83.

¹¹ PELBART, P. P., 2014, p. 253.

¹² WINNICOTT, D., 1983b/1963, p. 183.

Desse modo, estabelece-se como ponto crucial a necessária presença do outro como aquele que viabiliza, pelo acolhimento ao silêncio, a existência do mundo privado.

Ainda nesse texto, Winnicott faz presente a expressão do *verdadeiro self* como núcleo destinado ao silêncio, à esquivia. Somente no *gesto espontâneo*, para o autor, é possível vislumbrar um agir. Importante ressaltar que para ele há, em cada sujeito, um elemento de incomunicabilidade que é sagrado e que deve ser preservado. Supõe três espécies de comunicação:

- silenciosa, com os *objetos concebidos subjetivamente*, que nunca deixarão de ser silenciosas;
- explícita, com os *objetos percebidos objetivamente*, indireta por utilizar a linguagem;
- intermediária, que faz parte da vida cultural, característica da *transicionalidade*.

Com tais proposições, Winnicott atravessa um fazer analítico para invocar um agir silencioso, longe de interpretações; convoca a espera atenta do analista pelo momento de poder oferecer ao analisando elementos que, preservando seu mundo privado, auxiliem-no. Winnicott está não apenas ocupado em oferecer aos analistas e pais manejos para os cuidados com o *infans*, mas colocando em relevo que não são as palavras, e sim os ritmos dos corpos que emanam das palavras, dos toques, dos cuidados, e que permanecem como outros contatos possíveis.

No texto “La théorie de la relation parent-nourisson” (1971/1960), trata do *potencial inato do infans* e faz questão de sublinhar por que aqui se trata de problematizar e construir considerações acerca desse momento de vida, tendo como referência as características do que se nomeia como *infans*:

En fait, Le terme latin implique l'absence de langage (in-fans: qui ne parle pas) et Il n'est pas inutile de considérer cette époque comme le stade antérieur à la représentation [...] En conséquence, Il s'agit, d'une phase où le nourisson dépend des soins maternels, qui reposent sur l'empathie de la mère plutôt que sur sa compréhension de ce qui est verbalisé, ou pourrait être.¹³

¹³ WINNICOTT, D., 1971/1960, p. 240.

De fato o termo latino implica ausência de linguagem (in-fans que não fala) e é importante considerar esta é oca como um estádio anterior à representação[...] Em consequência se trata de uma fase onde o bebe depende dos cuidados maternos que se apoiam na empatia da mãe mais do que em sua compreensão do que é verbalizado, ou poderá ser. (tradução livre da autora)

A tendência ao crescimento e ao desenvolvimento, que se sustenta no potencial herdado, inato de um *infans*, só se realiza se for ligado aos cuidados maternos; são os cuidados maternos que, sendo *suficientemente bons*, podem viabilizar para a criança a construção de uma confiança no ambiente e sustentar a possibilidade de manter o *verdadeiro self* no lugar privado a que pertence.

No artigo “Distorção do ego em função do verdadeiro e falso self” (1983c/1960), também nos chama a atenção para a importância de preservar, a partir dos cuidados maternos, a possibilidade de manter o *self verdadeiro* em um lugar privado. O *gesto espontâneo é o verdadeiro self* em ação.

A maternagem tem papel importante, pois, por ser um estado não integrado, é preciso que o *holding* seja exercido na concretude do colo ou, metaforicamente, para que haja experiência coesão no infante dos diferentes elementos sensório-motores. Para Winnicott, uma *mãe não suficientemente boa*, que não tem a capacidade de sentir as necessidades da criança, não ativa o potencial inato, e por não ir ao encontro do gesto espontâneo da criança, provoca um estado complacente que culmina no assujeitamento ou submissão ao ambiente.

Winnicott, ao longo de sua vida, sustentou uma proximidade entre o sentir e o dizer, mesmo que isto lhe tenha causado problemas, e, como não poderia deixar de ser, comprometeu suas construções conceituais em que vida e obra caminharam juntas. Viveu momentos difíceis em suas experiências pessoais com a sociedade de psicanálise, já que suas construções teóricas se aproximavam daquelas que se colocam fora de certa “normalidade” sintônica com o *culto do fazer*.¹⁴

Aproximo aqui o conceito de *espaço potencial* e *gesto espontâneo* dos escritos de Deliny. Esse autor descreve o agir como um inato que emerge a partir de um campo – um *topos* – que possa ativar as potências inatas adormecidas em um corpo. Toma para isto o exemplo da capacidade de nadar:

Um patinho é dotado, de maneira inata, de um nadar latente. Se não houver água no entorno, nadar não terá lugar – *topos* – e permanecerá nulo e não advindo. E, ao que me parece, assim é com os agires comuns que, embora reiterados, são de iniciativa – visto que não se trata de fazer como – agir(es) esse(s) que sem, *topos*, não têm lugar. É mais fácil pensar, a propósito de um garoto um pouco débil mental: “Mas o que lhe falta, o que lhe faltou?” – que seria, por exemplo, da ordem do amor – do que dizer a si mesmo: “Mas o que falta aqui, aí, agora”, sendo *aqui* a palavra que convém para evocar aquela água da qual eu falava com respeito ao *topos* do patinho.¹⁵

¹⁴ Cf. WINNICOTT, D., 1990.

¹⁵ DELYNI, F., 2015, p. 163.

Viabiliza-se, assim, de alguma maneira, a construção de um território singular que possa preservar o espaço privado como espaço de criação, de germinação, suportando as derivas da existência. Ou seja, manter um corpo alerta e acordado, um agir, um campo de germinações, de maquinações, em que as forças do mundo possam atravessar e produzir, justamente, o espaço de criação, como capacidade em sustentar força e deslocamento.

Talvez tenha sido mais fácil o reconhecimento do trabalho de Winnicott ao reduzir suas contribuições à *falta da ordem do amor*, gerando um esvaziamento e empobrecimento de suas problematizações para o campo da psicanálise. Ao contrário, o que Winnicott buscava com suas produções é o oferecimento, em cada desafio clínico, de um *topos*, para que a germinação pudesse se presentificar.

Sua complexidade teórica tende ao achatamento por alguns que normalizam suas propostas a partir de um olhar dissociado da força afirmativa, da eroticidade-agressiva (*ruthlessness*¹⁶), necessária para *fazer valer seus direitos para existir num mundo que não quer nada*. Afirmativa paradoxal que coloca de ponta-cabeça a visão de mundo lugar-comum que tem orientado olhares sobre a vida. Um mundo que não quer nada é um mundo que se abre para a experiência no fluxo contínuo do devir. Fazer valer seus direitos, nesse sentido, é poder afirmar a vida a partir dos encontros e das forças singulares, o que possibilitaria dizer sempre o inaugural, a criação.

Winnicott tem em conta que a teoria só se constrói a partir da clínica, uma reversão da proposta cientificista de que a prática se exerce a partir de um modelo teórico preestabelecido, já experimentado, e comprovados seus efeitos. Reversão que implica o modo de pensar a subjetividade, não mais como algo adestrável, previsível, mas como algo sempre em devir. O que é patologia se não a expressão de algo que escapa à normalização, sendo, portanto, uma força? A clínica é sempre inaugural, marginal e dissidência.

A tarefa que se coloca para a clínica – qual seja, a criação de um *topos* – pressupõe que o mundo possa emergir outro, que a existência possa ser outra, segundo outros pontos de vista. Transformação do pensamento e, conseqüentemente, da percepção – e inversamente –, transformação daquilo que existe e dos modos de existência.

¹⁶ Cf. BORGES, H., 2012, p. 151-158.

Referências bibliográficas

- BORGES, H. *O movimento: o corpo e a clínica*. Rio de Janeiro: EBook, 2016.
- _____. “Entre a palavra e o movimento”. In: *Cadernos Psicanálise*. Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 92-104, 2011.
- _____. “Considerações acerca do estado de ruthlessness”. In: *Revista Rabisco*. Porto Alegre, v2, p.151-158, 2012
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- DELINY, F. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: N-1 Ed., 2015.
- FREUD, S. “Escritos sobre a Técnica”. In FREUD,S. *ESB*. Rio de Janeiro: Imago, (1911-1915) 1976, vol. XXIV.
- GIL, J. *Ritmos e visões*. Lisboa: Relógio D’Água, 2016.
- _____. “As pequenas percepções”. In: LINS, D. et al. (Orgs.) *A razão nômade* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- LEHMANN, J. P. *La clinique analytique de Winnicott*. Saint-Agnes: Editions Érès, 2003.
- _____. *Donald W. Winnicott: un créateur indépendant*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2013.
- PELBART, P. P. “A arte de instaurar modos de existência que “não existem””. In BIENAL DE SÃO PAULO (Org.). *Como falar de coisas que não existem*. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2014, v. 1, p. 250-265.
- STERN, D. *O mundo Interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- WINNICOTT, D. *La nature humaine*. Paris: Gallimard, 1990 [1954].
- _____. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. “Comunicação e não-comunicação levando ao estudo de certos opostos”. In: WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983b [1963], p. 163-174.
- _____. “Doentes mentais na prática clínica”. In: WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983a [1963], p. 196-206.

_____. “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self”. In: WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983c [1960], p. 128-139.

_____. “La théorie de la relation parent-nourisson”. In: WINNICOTT, D. *De La Pédiatrie à la Psychanalyse*. Paris: Payot, 1971 [1960], p. 237-256.

Recebido em: 20/09/2017

Aprovado em: 12/04/2018